

## Do esquema ao artigo de pesquisa: o como e o que não fazer

Paulo Ricardo Soares PEREIRA\*

162

**Resumo:** A produção de textos acadêmicos configura-se como uma prática necessária e imprescindível na vida acadêmica dos alunos no ensino superior. Perante as várias demandas dos professores e exigências curriculares, os estudantes se deparam com diferentes gêneros, estruturas e objetivos, tendo frequentemente no processo de produção – escrita – dos textos acadêmicos uma verdadeira *odisseia*, não deixando assim, de fazer a célebre pergunta: *Professor, como é que se faz?* Independente dos motivos que justifiquem o não reconhecimento e/ou a falta de proficiência diante à exigência de produção de um determinado gênero em nível acadêmico, é indiscutível que esses alunos precisam discutir, analisar e compreender os procedimentos específicos que circundam cada tipo de trabalho/produção de um texto (gênero) acadêmico. Neste sentido, ao longo de cinco capítulos da obra, *Professora, como é que se faz?*, organizada pela professora Elizabeth Maria da Silva, são propostos e discutidos mecanismos de elaboração, de retextualização e didatização de gêneros representativos desse tipo de escrita – a acadêmica – como o *esquema*, o *resumo*, a *resenha* e o *artigo de pesquisa*. A leitura deste livro nos permite prontamente compreendê-lo como uma alternativa de auxílio para que estudantes desenvolvam sua competência comunicativa, essencialmente, da escrita.

**Palavras-chave:** Gêneros acadêmicos. Produções acadêmicas. *Como fazer*.

É inegável compreendermos a comunicação escrita como um meio pelo qual o ser humano registra as informações, evidencia o conhecimento adquirido e de modo constante, se relaciona no espaço em que vive e conseqüentemente com o mundo. Logo, *escrever bem* – no sentido mínimo de clareza, objetividade e compreensão – é uma necessidade comum para todos os profissionais nas mais diversas áreas do saber.

Entretanto, quando consideramos que o ensino-aprendizagem da escrita nas escolas ocorre quase sempre, de maneira extremamente equivocada – mecanizado, por exemplo – temos a formação de *escritores/produtores textuais* como decodificadores da língua. Tal situação acaba reproduzindo-se substancialmente ao longo dos anos escolares e, assim, desembocando no ambiente acadêmico.

---

\* Estudante de Letras Português da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), onde também é bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Letras. E-mail: pauloricardo\_sp\_@hotmail.com.

Entendendo que a produção de gêneros acadêmicos é atribuição inerente à vida do estudante nesta esfera de ensino, tanto como produto disciplinar quanto mecanismo de inserção na comunidade discursiva, os alunos, principalmente aqueles recém-ingressos à universidade, são os que mais apresentam dificuldades, uma vez que estes em sua maioria já apresentam problemas relacionados à escrita – reconhecimento/identificação do gênero e de seu propósito comunicativo; falhas na organização dos aspectos textuais e linguísticos, por exemplo.

É justamente diante desse complexo contexto de dificuldades na escrita/produção de gêneros acadêmicos principalmente por parte dos estudantes recém-ingressos ao ambiente universitário que o livro organizado pela professora Elizabeth Maria da Silva – *Professora, como é que se faz?* – foi pensado, isto é, tem como objetivo, à luz da Linguística Aplicada, propor mecanismos de didatização de gêneros representativos desse tipo de escrita – a acadêmica – além de ser uma alternativa de ajuda a estes estudantes para que desenvolvam sua competência comunicativa.

A professora organizadora – Elizabeth Maria da Silva<sup>1</sup> – é especialista em Tecnologias em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande, sendo atualmente professora Assistente II dessa instituição. Destacamos que a professora Silva é responsável também pela autoria de um dos capítulos que compõe a obra resenhada.

Este livro é oriundo basicamente das experiências de ensino do componente curricular – Língua Portuguesa (LP) em diferentes cursos de graduação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), tendo, portanto, nas salas de aula o espaço de observação e reflexão sobre as dificuldades dos alunos no que se refere ao domínio da capacidade de escrita acadêmica. Logo nas primeiras páginas do livro, percebemos que o interesse pela avaliação de graduandos que cursam LP se deve ao fato de que, em geral, eles apresentam sérios problemas/dificuldades em produzir gêneros tipicamente do meio acadêmico, em decorrência de vários fatores intra/extra universidade.

Nesse contexto, *Professora, como é que se faz?* é uma coletânea composta dos resultados de pesquisas desenvolvidas pela professora Silva com a colaboração de suas orientandas da Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua

---

<sup>1</sup> SILVA - Endereço para acessar o CV: <http://lattes.cnpq.br/2114551483682345>

Portuguesa, de sua tutora bolsista do *Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais*, além de monitoras do curso de extensão *Exercitando a Leitura e a Escrita dos Gêneros Acadêmicos Resumo e Resenha*. A obra é constituída de cinco capítulos, nos quais são descritos e analisados desde as diferentes significações sobre a disciplina Língua Portuguesa até as experiências de elaboração, retextualização e ensino de gêneros como o esquema, o resumo, a resenha e o artigo científico.

No primeiro capítulo – *Percepções de graduandos sobre a disciplina Língua Portuguesa* – a autora Patrícia Fabiana Nascimento de Oliveira demonstra a visão dos discentes da UFCG em relação ao trabalho realizado na disciplina Língua Portuguesa (LP) no ensino superior, descrevendo e analisando os significados conferidos por alunos das áreas de humanas e exatas a essa disciplina.

A partir dos resultados verificados, Oliveira demonstra que os alunos predominantemente – tanto da área de humanas quanto de exatas – reconhecem a importância de se estudar a LP durante a graduação, em virtude de ser uma maneira de contemplarem a produção de gêneros da esfera acadêmica e de se integrarem à comunidade acadêmica. A autora destaca também que a maioria desses alunos expõe a necessidade de que a disciplina LP continue sendo um dos componentes curriculares, independente da forma que for oferecida, obrigatória ou optativa. Outro ponto relevante dos resultados desta experiência é o reconhecimento por parte dos alunos avaliados, sobre a ajuda/relevância/aplicabilidade da LP em outras disciplinas.

De modo a comprovar os resultados, a autora expõe no decorrer do capítulo respostas coletadas de diferentes alunos durante a pesquisa. Algo extremamente perspicaz, uma vez que, independente do público alvo, neste caso – alunos recém-chegados na universidade – com certeza, todo e qualquer discente que se encontre *envolvido nos aspectos de produção de gêneros acadêmicos*, ao fazer a leitura destes fragmentos, de alguma maneira se identificará e compartilhará mesmo que intrinsecamente das mesmas opiniões e até problemas. É justamente a partir dessa *generalização* e reconhecimento das dificuldades/perspectivas que envolvem a produção de gêneros tipicamente acadêmicos que se faz cada vez mais necessário um cuidado (ensino) específico com esta habilidade, além de pesquisas, trabalhos, publicações nesta área, como por exemplo, o próprio livro – *Professora, como é que se faz?*.

O segundo capítulo, intitulado *Esquema*, tem a autoria de Nayara Araújo Duarte, no qual é descrita e analisada a experiência com a elaboração do gênero esquema por graduandos em Ciências Econômicas da UFCG na disciplina Língua Portuguesa. A autora busca através deste trabalho com o gênero esquema, desenvolver uma das habilidades relevantes na formação universitária – a leitura ou a escrita. Neste sentido, com o intuito de ajudar os alunos no processo de leitura, compreensão e também produção textual, as propostas de atividade de escrita produzidas consistem em retextualizações de um gênero para outro, neste caso, de um artigo para um esquema.

Duarte ressalta que as atividades de retextualização devem seguir basicamente duas etapas: a primeira, uma fase de reconhecimento do gênero, de leitura e interpretação das ideias centrais; e a segunda, um momento de transformar o primeiro gênero escrito em outro gênero, conservando o conteúdo original e obedecendo aos padrões do gênero a ser atendido.

Em função das marcas linguísticas e textuais, a autora avalia em que medida os alunos *atendem total, parcialmente ou não atendem à estrutura prototípica do Esquema*. Assim, de maneira a analisar e confirmar os dados averiguados, Duarte apresenta três exemplares de esquemas representativos para cada categoria – como já citadas – pensadas a partir da apreciação de todos os esquemas produzidos.

Ao apresentar os resultados, Duarte identifica dentre os esquemas elaborados – em um total de catorze – somente dois exemplares que *atenderam à estrutura retórica prototípica*, porém vale ressaltar, como bem destaca a autora, que de todos os esquemas produzidos pelos alunos, nenhum se caracteriza como o exemplo *perfeito* do gênero. É por isso que autora adota um exemplar que mais se aproxima do protótipo do esquema. De modo geral, observando os esquemas coletados, seis exemplares *atenderam parcialmente* e os outros seis modelos *não atenderam à estrutura retórica prototípica*.

Compreendemos nitidamente durante toda a explanação deste capítulo a atenção/importância com que a autora analisa e comenta sobre o gênero *Esquema*. Importância esta, também nos transmitida, principalmente, quando nos fazemos entender o *Esquema* enquanto gênero primordial – quiçá vital – quando se pensa em processo de leitura e compreensão textual, sumarização, retomada das ideias centrais de um determinado texto-fonte, servindo-nos, assim, como subsídio de produção para outros gêneros, o resumo, o artigo científico, por exemplo.

O terceiro capítulo – *Resumo Acadêmico* – tem como autora a própria organizadora da obra, a professora Elizabeth Maria da Silva, no qual, a experiência com a retextualização do gênero artigo de pesquisa para o gênero resumo é relatada e analisada. Logo no início de seu texto, a autora ressalta a concepção de resumo que permeará seu trabalho: focaliza o resumo acadêmico, denominado também de resumo escolar, compreendido como sendo aquele no qual o aluno escreve para o professor com a intenção de que este verifique se escritor tem habilidades necessárias para o que é indicado.

Em seguida, Silva destaca os tipos de resumo que circulam no meio acadêmico – *abstracts*; de dissertação de mestrado, por exemplo. Comenta que em função da diversidade de resumos produzidos e que circulam no próprio meio acadêmico, devemos atentar ao contexto de produção em que o gênero foi requerido – *Por quê; Para quem; Para quê?* .

Silva apresenta ainda nesse capítulo uma análise da estrutura retórica de resumos elaborados por graduandos em Geografia da UFCG na disciplina Língua Portuguesa. Num total de trinta e cinco resumos, a autora agrupou-os em três categorias, respectivamente: *atendimento à estrutura retórica prototípica do resumo acadêmico; atendimento parcial e não atendimento*.

Destacamos dentre os resultados obtidos que poucos foram os resumos que *atenderam à estrutura*; a maioria está como apresenta a autora, no processo de transição entre *o saber fazer* e *o saber dizer*, e apenas dois alunos elaboraram resumos que *não atenderam*. Para exemplificar cada categoria de análise, a autora expôs um exemplar de resumo produzido.

Mesmo os alunos apresentando resultados medianos no que se refere aos traços característicos do gênero *resumo*, fica-nos perceptível a intenção da autora neste capítulo: que concebamos o *resumo* como um instrumento de trabalho indispensável para o aluno e o professor – principalmente quando estes exercem função de pesquisadores – sem esquecer obviamente de (re)conhecer cada contexto de produção no qual o gênero *resumo* está inserido.

No quarto capítulo – *Resenha Acadêmica* – a experiência do ensino do gênero resenha acadêmica é descrita e analisada por Elisa Cristina Amorim Ferreira e Roberta Andrade Menezes. As autoras ressaltam inicialmente que é necessário pensar a *resenha*

como um gênero discursivo, sendo, portanto, compreendida como um tipo de texto delimitado por regras e normas específicas reconhecidas e aceitas pela comunidade que a produz e utiliza.

As autoras analisam essencialmente a estrutura retórica de resenhas acadêmicas produzidas a partir de um artigo científico. Para tal, a partir de dezesseis resenhas que foram escritas por alunos recém-ingressos do curso de Letras no período 2011.1, elas também as agruparam – assim como nos capítulos dois e três – em categorias, especificamente três: *atendimento à estrutura retórica prototípica da resenha acadêmica*; *atendimento parcial e não atendimento*.

Organizados os níveis de análise, as autoras identificaram sete resenhas que atenderam à estrutura, seis que atenderam parcialmente e três que não atenderam à estrutura retórica prototípica do gênero *resenha acadêmica*. As autoras destacam que esses resultados mostram-se significativos, principalmente, por revelarem a diversidade de estágios de maturidade dos sujeitos produtores na escrita do gênero *resenha*. As autoras expõem ainda, três resenhas, um exemplar de cada categoria avaliada, de modo a analisá-las e reproduzir o gênero observado – a resenha acadêmica.

O quinto capítulo – *Artigo de Pesquisa* – tem a autoria de Maria Gilmária Vale Sousa, no qual é relatada e descrita a experiência com graduandos de Geografia na elaboração da introdução do *artigo de pesquisa* (AP) na disciplina de Língua Portuguesa no período 2011.1. A autora chama nossa atenção ao fato de que um artigo não é produzido *do nada*, sendo, portanto, um gênero que é resultado antes de tudo, de um estudo (para divulgar uma pesquisa) e só assim, poderá ser escrito. Necessitando, portanto, da elaboração prévia de um projeto de pesquisa.

Dentre as seções que estruturam um AP, Sousa foca sua pesquisa na *seção introdução* (SI), por considerar que esta pode proporcionar uma visão panorâmica do estudo relatado no AP (objeto de pesquisa; justificativa; objetivos; etc.). A autora objetiva através deste capítulo, proporcionar o desenvolvimento de mecanismos próprios para a elaboração da seção introdução de um artigo de pesquisa.

Sousa analisou oito SI de AP elaboradas por grupos de três a quatro alunos, avaliando os aspectos adequados e inadequados a essa seção, permitindo assim aos alunos maior familiarização tanto com esse gênero – o artigo – quanto com as práticas acadêmicas.

Sousa destaca também que mesmo os alunos utilizando algumas marcas linguísticas que apontam para os movimentos e passos retóricos, o que de certo modo transparece a ideia que estes conhecem a estrutura retórica da SI do AP, é visível, por vários momentos, a falta de desenvolvimento de algumas ideias apresentadas. Situação esta, de acordo com a autora compreensível, quando considerado que os AP avaliados foram elaborados por alunos recém-chegados. Sousa ressalta ainda, o esforço apresentado pelos alunos na produção da SI mesmo com pouca experiência.

Reiteramos na construção desses últimos capítulos (quatro e cinco, respectivamente) com bem expõem suas autoras, o valor atribuído aos gêneros *Resenha Acadêmica* e ao *Artigo Acadêmico* como importantes mecanismos de integração do aluno com as peculiaridades da comunidade acadêmica, especialmente, no tocante ao discurso científico, dentre os mais diversos aspectos – organização retórica; marcas linguísticas e textuais; contexto sociocomunicativo, entre outros.

Quando consideramos as diversas situações comunicativas típicas dos ambientes acadêmicos – em especial as de produção/escrita – em que os graduandos estão inseridos, ou dos meios profissionais que venham a se inserir no futuro, este livro é sem dúvidas fonte imprescindível de como agir – produzir/escrever – nessas situações. A obra não vem como uma cartilha de normas/regras/modelos que devem ser seguidos. Direciona principalmente, por meio dos diferentes exemplos que são apresentados no decorrer de todo o livro o modo *como fazer* e, sobretudo, *o que não fazer* nas produções acadêmicas.

Ressaltamos a progressão temática do livro, capítulos dispostos de modo que facilitam a compreensão e sequenciados de maneira lógica. A análise e descrição dos gêneros tipicamente acadêmicos – *Esquema*, *Resumo Acadêmico*, *Resenha Acadêmica* e *Artigo de Pesquisa* – é feita de maneira que o leitor acompanhe gradativamente o processo de produção dos próprios gêneros e principalmente, a integração que se constrói da produção (a retextualização) de um gênero para outro, isto é, a produção de um gênero ajuda/subsidia no processo de leitura e produção de outro gênero.

É notável, também, depois de observados e analisados esses fatores, que a obra – *Professora, como é que se faz?* – realmente cumpre o objetivo proposto, essencialmente no que se refere a proporcionar ferramentas didáticas para que o aluno recém-chegado à universidade possa desenvolver sua competência comunicativa acadêmica. Porém, acrescentamos que a obra é indispensável para todos aqueles envolvidos no meio

acadêmico, nas mais diversas áreas do conhecimento, tanto para professores – iniciantes ou não – que necessitam/querem rever/reforçar procedimentos de produção de gêneros tipicamente acadêmicos, quanto para aqueles leitores (recém-ingressos ou não) que precisam aprender e conhecer melhor sobre como fazer/produzir um *Esquema*, *Resumo Acadêmico*, *Resenha Acadêmica* e *Artigo de Pesquisa*.

## Referências

SILVA, E. M. da. / (Org.). *Professora, como é que se faz?* – 1ª Edição – Campina Grande: Bagagem, 2012.